



Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos - UFRJ

VOLUME 7 NÚMERO 1

Janeiro/ Junho 2011

CIDADANIA E LAZER A PARTIR DO PROGRAMA ESCOLA ABERTA

Coriolano P. da Rocha Junior¹

Flávio Damião Pinto Junior²

Resumo: Este estudo descreve e analisa o Programa Escola Aberta, um Programa do Ministério da Educação, realizado em parceria com outros Ministérios, estados e a sociedade. O Programa trabalha a partir de oficinas realizadas nas escolas públicas, tendo a comunidade local como alvo e também como participante da execução das ações do Programa. Usamos para análise, documentos que dão norte ao Programa Escola Aberta e literaturas da área do lazer para entender como e em que sentido este aparece no Programa, compreendendo que as oficinas assumem um caráter lúdico e tem no lazer um de seus eixos fundadores. Entendemos por fim, que o Programa Escola Aberta é bastante significativo, não só por sua abrangência quantitativa, mas centralmente por suas perspectivas de construção de uma cidadania participativa e crítica.

Palavras chaves: Programa Escola Aberta; lazer; cidadania.

Citizenship And Leisure From Open School Program

Abstract: *This study describes and analyzes the Open School Program, a program of the Ministry of Education conducted in partnership with other ministries, the states of the federation and the society. The program works from workshops in public schools and it looks on the local community its target as well as the participant of the execution of its actions. We used to analyze a document that contains the theoretical and operational guidance of Open School Program and literatures about leisure to understand, how and in what sense, it appears in the program, considering workshops that take a playful and has a leisure-time as its founder axes. We believe ultimately that the Open School Program is significant public policy not only for its quantitative comprehensiveness but, centrally, for its prospects to building a participatory and critical citizenship.*

Keywords: *Open School Program; leisure; citizenship,*

¹ Docente da Faculdade de Educação da UFBA

² Docente do Colégio Recanto – RJ

INTRODUÇÃO

Este texto caracteriza e analisa o Programa Escola Aberta (PEA) e a perspectiva de uso do lazer, como uma de suas possibilidades de intervenção, tendo seu foco nas atividades que envolvem práticas corporais, ou seja, atividades humanas construídas ao longo da história e valorizadas culturalmente, com forte representação e significação em cada comunidade e que são expressas em atividades artísticas, físicas e esportivas. Para tanto, lançamos mão de documentos oficiais, como forma de descrever o Programa, seus objetivos e suas formas de ação e, ainda, buscamos compreensões sobre as construções teóricas pensadas para o lazer, neste mesmo Programa.

Nossos objetivos são: entender de forma mais concreta os elementos que fundamentam a construção deste Programa, e identificar como o lazer aparece em suas linhas. Esta intenção se justifica pelo fato do Programa Escola Aberta, ter, na atualidade, uma grande abrangência, sendo realidade em um grande número de estados e no Distrito Federal. Por suas características, o PEA, atinge um significativo número de pessoas, que atuam ou que se beneficiam do Programa. Dados do próprio Programa³, com base no ano de 2006, apontam para aproximadamente 1286 escolas em 68 municípios brasileiros, atingindo cerca de dois milhões de pessoas entre crianças, jovens e adultos⁴.

Para o desenvolvimento deste texto, usamos a revisão de literatura e a análise de conteúdos, como meios de produção, entendendo que estas possibilidades metodológicas nos permitem discutir o Programa e suas realidades. Todavia, ao mesmo tempo, criam limites, já que não dão voz aos envolvidos com o PEA em sua realização e isto, aparece como uma limitação deste texto e como uma abertura para a construção de outros, que possam aprofundar nosso olhar.

ASPECTOS LEGAIS E FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO PROGRAMA ESCOLA ABERTA

O Programa Escola Aberta se estruturou a partir da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), do Ministério da Educação (ME),

³ Obtidos a partir de comunicação pessoal, através de entrevistas com membros da SECAD em 2006.

⁴ Dados da própria SECAD, com base no ano de 2006.

através da Resolução/CD/FNDE/Nº. 052 de 25 de outubro de 2004. O Programa foi construído, tendo por base, uma ação conjunta de órgãos do Governo Federal⁵, estados da Federação e sociedade civil organizada, sendo uma concreta demonstração de uma proposta política, que se faz democrática desde sua origem, ou seja, uma Política Pública que objetiva atingir significativa parcela da população brasileira.

A resolução indicada aponta para a necessidade de serem aumentadas as atividades que as escolas possibilitam à comunidade, além de buscar uma maior qualificação destas e, assim, da educação brasileira. Também pretende promover uma maior interação entre todos que fazem parte da comunidade escolar, notadamente, em comunidades em que se faz urgente a redução da violência e que vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica (LEÃO, 2005). Para tanto, o PEA, busca “ampliar as oportunidades de acesso a espaços de promoção da cidadania e contribuir para a redução das violências na comunidade escolar” (SECAD, 2006, p.2).

Vemos então, que o Programa Escola Aberta, aparece como uma possibilidade alternativa de uso do espaço da escola, já que sua característica é a literal abertura dos portões das escolas para a sociedade, permitindo que esta viva plenamente sua liberdade de ação num espaço público (RODRIGUES, 2010). O Programa se organiza a partir de oficinas, que em sua maioria, se caracterizam como um espaço de lazer e são construídas em conjunto com a comunidade, sendo a população um efetivo agente construtor do próprio programa, pois, ao mesmo tempo em que recebe e se beneficia, ela constrói e atua nele.

As atividades do PEA são desenvolvidas nos finais de semana, justo quando as escolas estão fechadas e trabalham com a oferta de oficinas diversificadas, como: arte, esporte, comunicação, saúde, informática, trabalho e outras (reforço escolar, idiomas, conteúdos variados) e destas, as oficinas de práticas esportivas são as mais procuradas, correspondendo a cerca de 40% do total⁶.

O PEA se organiza nas escolas públicas e traz como propostas centrais a inclusão social e a idéia do desenvolvimento de uma chamada “cultura de paz”, e isto, por compreender que

⁵ Os Ministérios parceiros são: Esporte; Cultura; Trabalho e Emprego, sendo a parceria com o Ministério do Esporte desenvolvida de maneira mais acentuada. Também a UNESCO é parceira no Programa.

⁶ Dados de 2006, obtidos a partir de comunicação pessoal, através de entrevistas com membros da SECAD.

a violência tem origem na desigualdade social decorrente da má distribuição de renda, que submete a classe popular à marginalização, à exclusão. Assim, o programa, que se pretende transformar em política pública, deve ter como norte a promoção da cidadania (SECAD, 2006, p. 8).

Na mesma proposta, o favorecimento da interação escola-comunidade, é alvo básico e mesmo o modo de execução do Programa, já que as pessoas da comunidade escolar são chamadas a atuar nas mais diversas funções, dentre estas, a de serem responsáveis por ministrar oficinas. A “cultura de paz”, um dos objetivos do PEA, busca a redução da violência nas comunidades, a partir de uma perspectiva de desenvolvimento da cidadania, sendo esta entendida em seu projeto pedagógico, como:

objetivo geral (legal e teórico) da educação básica e resultado de acesso a diversas políticas públicas – relativas a direitos sociais – que carecem de espaço para sua oportunização. A escola pode tornar-se, assim, espaço para o desenvolvimento de ações sociais comunitárias, de realização de atividades que valorizem a cultura local e atendam a necessidades da comunidade (SECAD, 2006, p.2).

A partir destes objetivos básicos, o PEA, busca ter como resultados, o estreitamento e a qualificação das relações vividas entre escola e comunidade e ainda, desenvolver uma cidadania plena e participativa, ou, como afirma Demo (1995), uma cidadania emancipada, sendo as oficinas o meio para tal. Com estes fins, o PEA atua então na

democratização do espaço público que é a escola, pela relação de pertencimento que se estabelece entre a comunidade e a instituição, estimulando a participação na escolha de novas oficinas, bem como pela ressignificação do espaço escolar que possibilita o encontro entre o saber formal e o informal e passa a abrigar diversas formas de expressão e de convivência (SECAD, 2006, p.7).

Dentro do espaço da escola, em sua ação direta na comunidade, o PEA se organiza sob a forma de oficinas, ou seja, espaços onde se dão um conjunto de atividades que buscam trabalhar saberes relativos às variadas possibilidades de conhecimento, partindo dos interesses e necessidades diagnosticadas em cada comunidade, em cada escola. As oficinas podem ser ministradas por professores regulares da escola, que devem atuar numa construção diferente da vivida no espaço da educação formal e, principalmente, pelos chamados “talentos da comunidade”, pessoas que possuem aptidões, interesses e experiências, em uma ou mais práticas culturais e que se dispõem a atuar no espaço da escola, sem se vincularem profissionalmente a esta.

No cotidiano de suas atividades, as oficinas do PEA, pretendem ser

espaços de inclusão dos interesses, necessidades e linguagens das juventudes, bem como de acolhimento às diversas formas de expressão cultural, momentos propícios ao exercício de democracia, por meio da aprendizagem de como administrar as diferenças nas relações interpessoais e oportunidades para o exercício da solidariedade do respeito aos limites entre os próprios direitos e os alheios (SECAD, 2006, p.8).

Em sua constituição, as oficinas devem buscar atender alguns princípios básicos, que se ligam aos objetivos do próprio Programa e que sustentam qualquer intenção de organização e execução de atividades nas mais diversas áreas. Desta forma, aparecem como elementos centrais ao trato pedagógico das oficinas, o estímulo ao desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, o respeito à diversidade, a compreensão de que o trabalho pode ser um meio de transformação do meio e da própria sociedade e a preservação do ambiente, como um patrimônio do homem e da sociedade (SECAD, 2006).

Desta forma, observamos que as oficinas podem ser um espaço educativo, onde comunidade e indivíduo atuam num processo contínuo de reconstrução e ressignificação da sociedade e de seus cenários, a partir da vivência de um conjunto de atividades que podem e mesmo devem se constituir num pólo de lazer, que busca ser um campo de formação humana pleno, crítico e participativo (SECAD, 2006).

Sendo assim, as oficinas são o verdadeiro meio de ação do PEA e mais, as oficinas assumem papel político-pedagógico, buscando efetivamente a transformação da vida da população, a partir da ampliação e melhoria da relação escola-comunidade, fazendo com que a escola seja mais presente na vida da comunidade e se efetive como um patrimônio público, buscando a

construção da cidadania consciente, responsável e participante, favorecendo a inclusão sociocultural (particularmente do jovem estudante da educação básica das escolas públicas), a diminuição da violência e da vulnerabilidade socioeconômica e, por extensão, a promoção da paz e da melhoria da qualidade de vida da população (SECAD, 2006, p.3).

Assim, as oficinas buscam a promoção e a inclusão social e cultural e o reconhecimento de uma cidadania completa, sendo o lazer fomentado como uma concreta ação social que colabora para o alcance destes objetivos.

Cabe dizer novamente, que no Programa, existe um leque variado de oficinas, mas que aqui, em nossas análises, consideramos apenas aquelas que são realizadas a partir das chamadas práticas corporais.

A proposta do PEA aponta para uma

tese da “desescolarização”⁷ da sociedade, no sentido de se valorizar os saberes da comunidade e o reconhecimento de que a aprendizagem ocorre frequentemente nas trocas sociais, de maneira informal, assistemática, no **tempo de lazer**⁸ que é o tempo propício à criatividade (SECAD, 2006, p. 3).

Esta citação do Projeto Pedagógico do Programa demonstra que o lazer é uma das estratégias de ação do PEA. Assim, é possível identificar a centralidade do lazer no Programa.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS CENTRAIS DO LAZER NO PROGRAMA ESCOLA ABERTA

Após abordar o Programa Escola Aberta, passamos agora a tratar o lazer, tentando compreender a maneira como este é visto pelo Programa e como fundamenta as oficinas. A partir de agora, apresentaremos alguns conceitos de lazer, para melhor balizar nossa análise, sobre como este tema é tratado no Programa.

Dentre as diversas conceituações de lazer, Dumazedier, apresenta esta, afirmando que lazer é um

conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (1973, p. 34).

Já para Camargo, lazer é um

conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos realizados num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico (1986, p.97).

Muito em função destes e de outros conceitos apontados pela literatura, é que no Programa Escola Aberta, o lazer é compreendido como uma ação humana, desenvolvida a partir de práticas culturais, que congregam variados interesses, acontecendo e ganhando sentido no tempo do não trabalho, no tempo disponível, livre das mais diversificadas obrigações do homem.

⁷ Aspas do autor.

⁸ Grifo nosso.

Outro elemento central de interpretação do lazer são as posturas e atitudes que o homem assume frente a esta prática. Em função disto, as formas humanas de se relacionar com o lazer vão de uma ação passiva até uma participativa, ou seja, de uma postura e atitude de contemplação a uma postura e atitude de envolvimento efetivo em algum tipo de atividade.

Associado às já vistas atitudes e posturas perante o lazer, existe no Programa, o entendimento de que este, acima de tudo, deve contribuir com a busca da promoção da satisfação pessoal e coletiva, isto muito em função das tomadas de decisão dos envolvidos com as oficinas, e mais, de que estas decisões sobre como se portar e agir, são baseadas em princípios e valores, que de alguma forma, representam histórias e projetos de vida, acesso aos bens e equipamentos de lazer e outros tantos.

Como já abordado anteriormente, as oficinas se desenvolvem de diferentes formas, tendo diferentes práticas culturais, e mais, estas oficinas acontecem tendo por base o lazer. Este entendimento da multiplicidade das formas de ação no lazer, existente no Programa, é encontrado em Dumazedier (1980), quando este autor denomina as possíveis atividades, de interesses culturais do lazer. Também outros autores brasileiros, como Camargo (1986), Marcellino (1996) e Mello & Alves Junior (2003), tratam os interesses culturais em suas obras, sempre tendo Dumazedier como referência.

Desta forma, a classificação apresentada por Dumazedier serve de balizamento para a seleção, organização e execução das oficinas do Programa Escola Aberta. Em concordância com Melo & Alves Junior (2003), compreendemos que os interesses culturais do lazer, não são fixos, isolados, e, sim, podem e mesmo devem ser vistos como circulares, sem uma linha divisória entre eles. Os interesses apresentados são estes: físicos; artísticos; manuais; intelectuais e sociais. A estes, o já citado Camargo (1986) acrescenta os interesses turísticos.

Ao PEA interessa fortemente a possibilidade educativa que têm as oficinas, mas para tanto, se sabe que este processo se dá fora da escolarização tradicional e, desta forma o Programa pode contribuir

para uma resignificação do espaço escolar e para o enriquecimento da concepção de escola elaborada pelos sujeitos envolvidos quando abre suas portas à comunidade no final de semana para atividades que não sejam necessariamente vinculadas às disciplinas [...] valorizando as características culturais e as demandas da comunidade. A escola tem a oportunidade de atualizar, assim, a sua potencialidade como lugar da alegria cultural (SECAD, 2006, p. 4).

Tendo por base a citação anterior do Projeto Pedagógico, podemos identificar que no Programa Escola Aberta, as oficinas são vistas e tratadas antes e acima de tudo, como sendo importantes “momentos de apropriação de saberes, oportunidades para educar, para promover reflexões sobre valores importantes para a convivência tão perpassada por diferenças nem sempre bem administradas pelos grupos sociais” (SECAD, 2006, p.3).

Pensando em atender a estas indicações, tem-se por base na proposição e organização das oficinas, a relação entre lazer e educação que Marcellino (2000) denomina de duplo aspecto educativo do lazer. O referido autor nos fala da possibilidade de se educar pelo lazer, sendo este um meio e ainda fala da educação para o lazer, onde ele é o próprio fim. Marcellino, nesta mesma obra, afirma que

só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, se esse for considerado, [...], como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, tendo em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecedora de mudanças no plano social (2000, p. 63-64).

A partir desta compreensão, no Programa, o lazer é entendido como um campo de intervenção pedagógica, com características específicas, se comparado a outros espaços de atuação. É nesta perspectiva que atua o PEA, tentando intervir nas duas possibilidades educativas do lazer, entendendo que ambas são significativas e que colaboram com um processo de formação ampliada do indivíduo e da própria sociedade.

Com o que já foi apontado até aqui, identificamos que o Programa Escola Aberta, trabalha com uma concepção crítica do lazer, ou seja, entende que o lazer é efetivamente um espaço onde o homem encontra campo para viver sua plenitude e, isto, na relação consigo mesmo e com o outro. Para tal, as ações de lazer devem se basear numa construção dialética e participativa, valorizando e ampliando o acesso aos bens culturais nas suas várias formas e não, serem vistas apenas como uma ocupação do tempo ocioso, ou como uma forma de se eliminar tensões e menos ainda, como uma forma de controle social.

Por saber que uma compreensão sobre cultura é fundamental para o lazer, o PEA busca formas de entender seus mecanismos de construção e representação na sociedade, por reconhecer que qualquer oficina sofre e causa interferência sobre a cultura. Esta é vista como um bem social que se constroi por dentro da sociedade, sob a influência de diversos fatores, formando um emaranhado que reúne ao seu redor um conjunto de atividades e

possibilidades, podendo servir a diferentes fins e mais, que no mundo atual “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2005, p. 47).

No tratamento do tema cultura, assim como nos mostram Melo & Alves Junior (2003), o PEA considera que são três os seus padrões de organização, sendo eles: a cultura erudita, a cultura de massa e a cultura popular. Entende-se que estes não são estanques e rigidamente limitados, mas sim que se auto-influenciam e se interpenetram em seus modos de construção e em seus modos de representação e que, principalmente, não são melhores nem piores um em relação ao outro, mas são diferentes em si e entre si.

As oficinas do PEA são estruturadas reconhecendo e valorizando a influência da cultura, desde a escolha por alguma atividade, até a determinação dos modos de intervenção e análise. Soma-se a isto, o reconhecimento de que ainda existe uma completa carência e mesmo falta de acesso aos bens e equipamentos culturais em nosso país, sendo a escola um dos principais espaços públicos no Brasil, sendo o acesso a este patrimônio, um dos valores do PEA (COSTA & MOMO, 2009). Valendo-se de dados do IBGE de 1999, Castro, *et al* (2001, p. 55), relatam que, das cidades brasileiras, “19% não têm biblioteca pública; 73% não têm um museu; 75% não têm um teatro ou casa de espetáculo; 83% não têm cinema; 35% não têm ginásio esportivo; 64% não têm livraria”.

Estes números reforçam a proposta do PEA de usar a escola como um equipamento público e de ter as oficinas como uma possibilidade de acesso, construção e valorização da cultura nas suas variadas formas (FORELL. 2009). Para isto, entende-se que as pessoas responsáveis pela condução das oficinas⁹, têm papéis estratégicos, como por exemplo: atuar na difusão e expansão dos elementos da cultura erudita; trabalhar de maneira criteriosa com a cultura de massa, tentando estabelecer um questionamento de suas ações e apontando criticamente para o desenvolvimento de outras possibilidades e também, colaborar com a recuperação e preservação das tradições da cultura popular.

Até aqui, nos foi possível ver e melhor entender o PEA, sua estruturação e seu modo de funcionamento, bem como as concepções que norteiam as oficinas que o caracterizam, quando dentro das escolas. Da mesma forma, pudemos observar as concepções sobre lazer e cultura que dão base ao que se objetiva executar nas oficinas.

⁹ Chamados de oficinairos no Programa, segundo dados do Projeto Pedagógico (SECAD, 2006).

Estes dados podem ser vistos nas diferentes oficinas que funcionam e em complemento, nos parece imprescindível um olhar sobre o lúdico, na medida em que ele fundamenta boa parte das ações das oficinas e se interliga às análises sobre lazer, base das propostas de trabalho do PEA (SANTOS, 2007). Assim, no PEA, compreende-se que o lúdico busca uma “valorização estética e a apropriação expressiva do processo vivido, e não apenas do produto alcançado” (WERNECK, 2003, p.37). Ainda Werneck (2003, p.37), diz que o lúdico aparece como “uma sensação [...] de que a vivência valeu à pena, sendo mantido o desejo de repeti-la e de conquistar novos desafios.” A partir desta noção, vê-se que as oficinas pretendem não ser apenas um conjunto de atividades, mas sim um vasto leque de vivências significativas e prazerosas, lidando com experiências individuais e coletivas.

CONCLUSÕES

Aproximando-nos do fim e apontando para as breves e possíveis conclusões, entendemos que o Programa Escola Aberta aparece neste momento vivido pela sociedade brasileira, como uma possibilidade concreta de ação que mescla esforços governamentais e da sociedade civil organizada, numa ação social coletiva libertadora, onde o desejo de modificação das realidades é a força para a construção de outra sociedade, uma sociedade onde sejam superadas as adversidades vividas na atualidade, permitindo que toda pessoa viva a possibilidade de uma existência digna e justa. No PEA, esta ação coletiva se vê na organização de uma base comunitária, onde cada pessoa é vital para o sucesso do Programa e na concretização da parceria entre a Federação, os estados e a população, fator também indispensável ao sucesso do Programa e exemplificador do princípio democrático de sua execução.

Outro fator de valorização deste Programa pode ser visto na sua preocupação e ocupação com o lazer, ou seja, ter o lazer como seu fundamento propicia a democratização de um reconhecido bem social, que tem sido negligenciado e mesmo negado neste país. Também se deve valorizar a compreensão de que o lazer é uma efetiva ferramenta para a formação humana, pautada na construção de princípios e valores como: autonomia, criticidade, ação participativa, solidariedade, cooperação, sempre sob a dinâmica da

ludicidade, ou seja, o PEA, em suas oficinas, busca atuar na construção de novos agentes sociais e de uma nova sociedade.

Entendemos então que, como dito no título deste texto, o Programa Escola Aberta atua e colabora na construção de uma cidadania, uma cidadania fundada em bases democráticas, plurais, participativas e críticas, isto, a partir de oficinas que têm no lazer sua estratégia central, sendo o lúdico um princípio pedagógico usado na efetivação desta cidadania.

Cumpre-nos nesse estudo, ressaltar e valorizar o esforço de instalação, ampliação e efetivação de um Programa como o Escola Aberta, nos espaços de nossa sociedade. Isto, por se preocupar ao mesmo tempo com a democratização de dois bens sociais, o lazer e a formação humana e atuar na abertura plena do espaço público da escola à comunidade, institucionalizando-a como um real equipamento de uso aberto.

Por fim, não quisemos aqui ser um olhar único e definitivo sobre o assunto, mas, sim trazer nossas impressões e compreensões sobre o “Programa Escola Aberta”, reconhecendo as limitações deste estudo e a necessidade de ampliação e aprofundamento, principalmente com a fala dos participantes e observações do real para desta forma ser possível uma leitura mais ampla do Programa Escola Aberta.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, L. O. L. *O que é lazer*. SP: Brasiliense, 1986.

CASTRO, M.G, *et al.* Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília: UNESCO, Brasil-TELECOM; Fundação W. K. Kellog, BID, 2001.

COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA ESCOLA ABERTA – UGP/ULE’s. *Projeto pedagógico-Programa Escola Aberta*. Brasília: MEC-SECAD, 2006.

COSTA, M.V & MOMO, M. Sobre a “conveniência” da escola. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 42, set./dez. 2009, p.521-604.

DEMO, P. *Cidadania Tutelada e Cidadania Assistida*. Campinas/SP: Autores Associados, 1995

DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. SP: SESC, 1980.

_____. *Lazer e cultura popular*. 3^a.ed. SP: Perspectiva, 2001.

FORELL, L. *Trabalho voluntário em projetos sociais esportivos: uma análise a partir do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo/RS*. 2009. 164p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). EEf-UFRGS, PA, 2009.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10^a ed. RJ: DP&A, 2005.

LEÃO, J.A.C. *Considerações sobre o projeto Escola aberta: perspectivas Para uma agenda de lazer*.2005. 102p. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas). Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2005.

MARCELLINO, N. C. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas-SP: Autores Associados, 1996.

_____. *Lazer e educação*. 7^a ed. SP: Papirus, 2000.

MELO, V. A. de & ALVES JUNIOR, E. de D. *Introdução ao lazer*. SP: Manole, 2003.

RODRIGUES, R.F. *Escola Aberta: A apropriação do espaço público pela comunidade*. 2010. 120p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação). UNICID, SP, 2010.

SANTOS, L. D. dos. Programa Escola Aberta e Juventude: uma prática de esporte e lazer na escola pública. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife. *Anais...* Recife: Edupe, 2007. P.1-9.

WERNECK, C. L. G. Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física. In: WERNECK, C. L. G. e ISAYAMA, H. F. (orgs). *Lazer, Recreação e Educação Física*. BH: Autêntica, 2003.

Contatos dos Autores:

Coriolano P. da Rocha Junior –
coriolanojunior@uol.com.br

Flávio Damião Pinto Junior -
andflaand@oi.com.br

Rua Alagoinhas – 489/504A – Rio
Vermelho – Salvador-BA
CEP. 41.940-620

Data de Submissão:
22/10/2010

Data de Aprovação:
08/06/2011